

O curso de Jornalismo na UFRRJ em 11 anos de existência: consolidações e inovações

The journalism course at UFRRJ
in 11 years of existence:
consolidations and innovations

El curso de periodismo de la UFRRJ
en 11 años de existencia:
consolidaciones e innovaciones

Recebido em: 27/08/2021

Aceito em: 04/11/2021

DOI: 10.46952/rebej.v11i29.459

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



Simone Mattos Guimarães

Orlando

Doutora em Letras e professora de
Jornalismo da UFRRJ.

simoneorlando@ufrj.br

Ana Vaz

Doutora em História e professora de
Jornalismo da UFRRJ.

anavaz@ufrj.br

Ivana Barreto

Doutora em Letras e professora de
Jornalismo da UFRRJ.

ivana_barreto@ufrj.br

Rejane Moreira

Doutora em Comunicação e Cultura e
professora de Jornalismo da UFRRJ.

remoreira@ufrj.br

RESUMO

Esse texto buscou relatar, em uma proposição narrativo-descritiva, os caminhos traçados para a construção do curso de Jornalismo da UFRRJ, em 11 anos de existência. Neste processo, levou-se em conta a implementação das Diretrizes Curriculares do MEC, a partir de 2015, seus desdobramentos, descobertas e caminhos encontrados para a formação a partir das especificidades da conjuntura da UFRRJ para o cenário de aprendizado. Para tal, trabalhamos com a perspectiva do Relato de Experiência (RE).

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. UFRRJ. Diretrizes Curriculares. Inovações. Perspectivas.

ABSTRACT

This text sought to report, in a narrative-descriptive proposition, the paths traced for the construction of the Journalism course at UFRRJ, in its 11 years of existence. In this process, we took into account the implementation of the Ministry of Education and Culture's (MEC) Curriculum Guidelines, as of 2015, its developments, discoveries and paths found for the formation and specificities of the UFRRJ context, for the learning scenario. To this end, we work with the perspective of the Report of Experience (RE).

KEYWORDS

Journalism. UFRRJ. Curriculum Guidelines. Innovations. Perspectives.

RESUMEN

Este texto buscó informar, en una propuesta narrativo-descriptiva, los caminos trazados para la construcción del curso de Periodismo en la UFRRJ, en sus 11 años de existencia. En este proceso, se tomó en cuenta la implementación de las Diretrizes Curriculares del Ministerio de Educación y Cultura (MEC), a partir de 2015, sus desarrollos, descubrimientos y caminos encontrados para la formación y especificidades del contexto de la UFRRJ, para el escenario de aprendizaje. Para eso, trabajamos con la perspectiva del Informe de Experiencia (RE).

PALABRAS CLAVE

Periodismo. UFRRJ. Directrices Curriculares. Innovaciones. Perspectivas.

1 INTRODUÇÃO

Pouco depois que os ministros do Supremo Tribunal Federal, por 8 votos a 1, decidiram, em junho de 2009, que o diploma de Jornalismo não era obrigatório para o exercício da profissão, foi implantado, em 2010, no campus Seropédica (RJ), o curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Essa implantação, cumpre esclarecer, ocorreu a partir da aderência da UFRRJ ao Programa de Expansão das Universidades Federais (REUNI), já que, desde 2007, a Universidade havia sido nele incluída. Assim, entendemos que o curso já nasceu com uma rubrica definida de Jornalismo.

Nesse texto, falaremos da nossa história e memória, descobertas e perspectivas futuras, nesses onze (11) anos de existência (e resistência). Para tanto, elegemos como nosso norte inicial, principalmente, as mudanças ocorridas no PPC (Projeto Pedagógico Curricular) do curso, após acolher a Resolução CNE/CES nº 1, de 27 de setembro de 2013, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o curso de graduação em Jornalismo¹.

Fato é que, com as citadas Diretrizes, os bacharelados de Jornalismo se viram diante de uma nova proposição a ser seguida pelas instituições de educação superior em sua organização curricular. Em outros termos, passou a haver a ampliação da formação em Jornalismo com/para outras áreas. Nesse cenário, o campo deixou de fazer parte como habilitação da grande área da Comunicação Social. Aqui, importa fazer a ressalva de que as DCNs, em âmbito geral, propõem lineamentos amplos e adaptáveis aos contextos específicos de cada curso e universidade.

Para fins de entendimento global dos pontos que preconiza, o documento aponta três tipos de competências a serem consideradas na formação do estudante: **cognitivas, pragmáticas e comportamentais**.

As de ordem **cognitiva** levariam em conta a capacidade do alunado de conhecer e compreender a profissão, sua história e memória; os fundamentos da cidadania e da democracia; as especificidades técnicas e estéticas do Jornalismo; o *modus operandi* das instituições públicas e privadas da comunicação e outras. As de natureza **pragmática** dariam ênfase à capacidade do estudante contextualizar, interpretar e explicar informações relevantes da atualidade; trabalhar com o valor da precisão no registro e na interpretação dos fatos noticiáveis; ter competências para propor, planejar, executar e avaliar projetos do setor, realizar entrevistas, pautar, apurar, redigir, editar e veicular; saber se relacionar de modo independente com as fontes; reconhecer e saber produzir os gêneros jornalísticos canônicos; dominar o aparato tecnológico, entre outros saberes. Já as de natureza **comportamental** teriam como eixo o entendimento do campo deontológico e ético da profissão, os valores profissionais, constrangimentos e atitudes meritórias para o bom exercício da profissão.

O documento recomenda ainda que se tenha como escopo do projeto pedagógico o foco em eixos de fundamentação humanística (interdisciplinar, ética e cidadã), específica (o campo do Jornalismo), contextual (campo da comunicação), profissional (meios e linguagens), aplicação processual (entendimento do mercado e das áreas) e laboratorial (exercício de práticas profissionais).

¹ Fonte das Diretrizes de 2013 (shorted url): <https://is.gd/b2NSKY>. Acesso em: 14 ago. 2020.

Essas competências, eixos e saberes, desse modo, foram o nosso guia na consolidação de uma nova ordem curricular. Justamente porque deram sentido à proposição de novas disciplinas, a saída de outras, uma nova divisão entre a proporcionalidade de carga horária de matérias obrigatórias, optativas, de livre-escolha, laboratórios, estágio curricular, tipologias de TCC, etc.

As mudanças ocorridas, entretanto, não se deram logo nos primeiros anos (começamos nossas atividades, como apontamos, em março de 2010). Passamos por duas etapas anteriores, que descreveremos, até chegarmos na implementação de um novo currículo (é o que ainda utilizamos).

Apesar das Diretrizes serem um documento datado de 2009, sua aprovação pelo MEC só ocorreu em 2013. O que trouxe referências, portanto, para nossa primeira base curricular e PPC foram as Diretrizes Curriculares do MEC para a Área de Comunicação Social (documento criado em 1999). A implementação das Diretrizes só se consolidou com a reforma curricular, discutida e maturada, ao longo do ano de 2014. Em termos efetivos, inclusive, ocorreu somente após o projeto tramitar para aprovação nas instâncias internas (colegiado de curso/ departamento/ Consuni/ Cepea/ Cepe)² e constar no sistema acadêmico no início do ano letivo de 2015.

Desde essa época até nossa realidade atual, passaram-se sete anos. De modo introdutório e resumido (pois tais questões serão explanadas e desenvolvidas ao longo desse texto), tivemos algumas mudanças significativas no Projeto Pedagógico Curricular (PPC) e na formação dos estudantes. Tivemos, como em todo processo experimental, ônus e bônus ao panorama das trocas e aprendizado entre o coletivo de alunos e professores.

Entendendo que a vida universitária e as transformações de quem por ela passa não se dão somente pela experiência curricular, de fato, nesse caminho, as descobertas de novas possibilidades foram fruto da presença de uma nova Diretriz, e a partir do amadurecimento do próprio curso, da adequação ao *modus operandi* da cultura universitária (com sua autonomia e idiosincrasias). Houve, dessa forma, um longo processo de consolidação do PPC, atravessado por esse documento do MEC e também para além de uma reforma da estrutura curricular.

Destacam-se, nesse sentido, como alterações centrais no nosso PPC, ligadas diretamente à presença das recomendações e lineamentos propostos nas DCNs: (1) a efetivação do estágio supervisionado de caráter obrigatório; (2) a ampliação da carga horária das atividades complementares (de 200 para 300); (3) a criação do “projeto prático” como modalidade alternativa à monografia para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC); (4) o aumento no número de optativas em um equilíbrio em relação ao número de obrigatórias; (5) a retirada de disciplinas mais gerais (de outros campos de conhecimento) na base da formação; (6) a reavaliação da relação entre suporte/ meios em função da primazia da linguagem nas disciplinas específicas; (7) a ordem das disciplinas e dos temas do ciclo inicial e profissional. Destacamos, da mesma forma, a criação de uma força de trabalho coletivo e

² Respectivamente, após passar pela unidade departamental ou pelo colegiado de curso, os assuntos e deliberações acadêmicas, na UFRRJ, seguem para os órgãos: Conselho de Unidade (Consuni), Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão de Área (Cepea), Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe).

horizontal, construída pelo corpo docente (junto aos discentes), o que possibilitou avaliações e proposições sempre dialógicas e responsivas.

Nessa conjuntura, ainda assim, um conjunto de movimentos se deram, com a chegada de novos docentes (concursos ocorridos em 2013 e 2015) e também pela ampliação do número de alunos a cada ano. Damos destaque, sobretudo, à paulatina realização de ações, projetos e programas de caráter extensionista, que abriram espaço para a expressão do alunado de modo mais efetivo. Evidenciamos ainda o incentivo à participação dos estudantes em congressos e seminários da área e à prática da pesquisa e iniciação científica, de modo progressivo. Destacam-se, igualmente, nesse processo, os projetos e ações coletivas e interdisciplinares, criados ao longo dos anos de existência do curso.

Para tratarmos dos tópicos mencionados, buscamos usar como parâmetro metodológico o Relato de Experiência (RE). Daltro e Faria (2019) descrevem o RE como um mecanismo de “criação de narrativa científica, especialmente no campo das pesquisas capazes de englobar processos e produções subjetivas” (DALTRO; FARIA, 2019, p.221). Seria o RE, assim, um caminho de expressão vivencial, de âmbito narrativo-descritivo, perspectivo e subjetivo, embora mantenhamos as bases da ordenação acadêmico-científica como norte de produção escrita.

2 DO CURSO: IMPLEMENTAÇÃO, MUDANÇAS E NOVAS PERSPECTIVAS

Criado como desdobramento do REUNI, como já mencionado, da chamada “Era Lula”³, o Curso de Jornalismo da UFRRJ foi um entre as 34 novas graduações implantadas na Rural, entre os anos de 2006 e 2010, em três *campi* diferentes (Seropédica, Nova Iguaçu e Três Rios), tanto nas modalidades licenciatura como bacharelado. Atualmente (2021), a Universidade oferece 57 Cursos, nos citados espaços.

Com relação ao período referenciado, destaca-se a percepção de que os anos do governo Lula se pautaram por evidentes políticas públicas nas IES, com vistas a gerar igualdade de oportunidades e práticas de inclusão social. Isso redundou em uma inflexão que promoveu, de um modo geral, o desenvolvimento do país. Diante dessa conjuntura, podemos destacar que a mudança na condução de políticas de desenvolvimento industrial, acopladas a políticas efetivas de combate à pobreza, notadamente descritas por André Singer (2012), resvalaram na concepção de maior participação nas instituições de ensino superior. Essa combinação de fatores promoveu, de um lado, a valorização de uma economia voltada para a produção interna e, de outro, a realização de políticas públicas, pautadas sobremaneira e mecanismos de proteção social.

Em tese, as primeiras medidas efetivas para a constituição da graduação em jornalismo, em função da expansão ocorrida na UFRRJ, começaram ainda em 2009, quando da realização dos primeiros concursos para docentes.

³ Para esse período, faz-se menção aos dois mandatos do presidente do país, Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), nos quais, notadamente, houve um grande avanço para diversos setores da vida social, com destaque para o desenvolvimento das universidades públicas brasileiras.

No primeiro semestre de 2010, portanto, com a entrada de 45 alunos, em período noturno, a formação começou, de fato, a partir das seleções estudantis, promovidas pelo Enem e do Sistema Sisu. Cumpre ressaltar que um aspecto fundamental, levado em conta a gênese da proposta no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFRRJ 2007-2010, foi a percepção de que não havia ensino superior público em Jornalismo na região da Baixada, embora houvesse universidades, faculdades e centros de ensino privados, numa região, como já dito, carente, com um perfil bem específico. Igualmente, considerou-se na proposta de sua implementação a necessidade de existir essa formação específica para uma área com déficit de profissionais nesse setor.

2.1 A LOCALIZAÇÃO, ASPECTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS

Quanto à localização da UFRRJ, destacamos que para chegar a seu campus principal existem diversas vias de acesso (Av. Brasil, Rodovia Presidente Dutra - BR-116 ou Rio-Santos). Vale relatar, também, que o campus Seropédica tem como regiões limítrofes, que representam o entorno da Instituição: (1) a Baixada Fluminense – composta pelos municípios de Nova Iguaçu, Queimados, Caxias, Belford Roxo, São João de Meriti, Mesquita, Nilópolis. Importa aqui frisar que essa grande região possui “as menores taxas de desenvolvimento humano do Estado, sendo gravíssimos problemas como falta de saneamento básico, habitação, transporte de massas, educação de qualidade e segurança pública”; (2) a Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro, assim como a Baixada, região bastante povoada e, em termos econômicos, estratégica no contexto do Estado do Rio; (3) os municípios de Mangaratiba e Angra dos Reis, na direção do Sul Fluminense, que compõem a chamada Costa Verde; (4) o Vale do Paraíba, que engloba os municípios de Paracambi, Engenheiro Paulo de Frontin, Miguel Pereira, Mendes, Vassouras, Valença, Três Rios, Quatis, Volta Redonda.

E, aqui, apresentamos dados atualizados que fazem parte da realidade de considerável parcela dos discentes do curso. No tocante especificamente à região da Baixada Fluminense, onde estão localizados o *campus* Seropédica e a graduação em questão, dados do IBGE (2020) indicam uma população estimada, em 2020, de 3.908.510 habitantes⁴. O Rio de Janeiro está situado entre as 10 metrópoles mais desiguais do mundo, segundo o Mapa da Desigualdade da Região Metropolitana (2017), elaborado pela Casa Fluminense, associação civil sem fins lucrativos, autônoma e apartidária que debate políticas públicas⁵. De acordo com estudo de pesquisadores da citada organização, as cidades da Baixada Fluminense apresentam os piores indicadores de desenvolvimento humano e social do Estado. Para situar-se melhor a realidade dos que vivem na Baixada, Queimados, um de seus municípios, é líder no ranking com a menor expectativa de vida entre os moradores da Região Metropolitana, com as pessoas morrendo, em média, com 58 anos de idade.

Diante dos dados expostos, torna-se inevitável pensar nas dificuldades que cercam a realidade dos estudantes de Jornalismo (e os da UFRRJ como um todo). Das

⁴ BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10 jul. 2021.

⁵ Disponível em: <https://casafluminense.org.br/mapa-da-desigualdade>). Acesso em: 12 jul. 2021.

situações de vulnerabilidade social (o que inclui o pertencimento dos estudantes a famílias de baixa renda) até a rotina exaustiva que vivenciam no deslocamento de suas casas até a Universidade, num transporte público de precárias condições, demorando, em média, duas horas para fazer seu itinerário, muitos são os fatores que dão um tom diferenciado à formação universitária na UFRRJ. E aqui, remetemos a Paulo Freire (1996), no que concerne à sua crença de que a relação professor - aluno deve ter como ponto de partida o reconhecimento das condições sociais, culturais, econômicas dos alunos, suas famílias e o seu entorno.

Sem esse olhar não conseguiríamos, ao longo desse período, administrar situações pontuais, nem adaptar a proposta de formação a contextos específicos da vida universitária, apresentados a esse grupo de docentes que iniciou e desbravou esse projeto.

O fato de a oferta de formação ser em período noturno tornou a jornada de cumprimento curricular e permanência na instituição ainda um desafio. A UFRRJ não se preparou para receber graduações noturnas: aos desafios de deslocamentos somam-se ainda a falta de iluminação e segurança no extenso campus. Mesmo assim, atualmente (2021), vale referenciar que, dos 579 estudantes que ingressaram no curso de Jornalismo na Instituição, temos um equilíbrio de 209 graduandos ativos no curso (36%), 181 formados (31%) e 189 com matrícula cancelada (33%).

2.2.O PRIMEIRO CURRÍCULO: 2010-2014

O currículo do curso de Jornalismo da UFRRJ, vigente entre os anos de 2010-2014, tinha como premissa a organização de uma matriz curricular que contemplasse a proposta de um saber humanístico oriundo da interdisciplinaridade com áreas afins (principalmente das disciplinas ofertadas pelas Ciências Humanas de modo geral) e corroborado por um saber formal e tecnológico indispensável à profissão (possível pelo conhecimento do *modus operandi* de cada meio de comunicação e suas linguagens). Esse era o pensamento que tínhamos à época: uma necessidade de trazer a temática do campo da comunicação e áreas correlatas aliados ao saber-fazer técnico do ofício.

Como éramos poucos professores, apenas seis docentes em 2010, acabamos contando com o apoio de outros departamentos, no início, para dar conta de um currículo que se estabeleceu com disciplinas obrigatórias nas áreas de Comunicação e Jornalismo, mas também áreas conexas à nossa, como Letras, Economia, História, Filosofia e Ciências Sociais. Além disso, arrolamos 171 disciplinas, nesse início, de outros cursos que pudessem agregar valor como optativas gerais à formação em questão (ainda são disponibilizadas até hoje para os alunos). Acrescidos a isso, formalizamos a presença de laboratórios e atividades complementares. Na estruturação da matriz curricular de 2010, a ser cursada em 9 semestres (4 anos e meio), compôs-se o seguinte cenário (Quadro 1):

Quadro 1 – Primeiro Currículo (2010)

Carga horária total do curso: 3.310 horas
Número de disciplinas obrigatórias: 2280 horas (37 disciplinas)
Número de disciplinas optativas: 300 horas (disciplinas de 2 ou 4 créditos)
Atividades Acadêmicas Laboratoriais (pesquisa ou prática): 210 horas
Atividades Complementares: 200 horas

Fonte: CURSO DE JORNALISMO DA UFRRJ (2014)

No ano de 2013, fizemos um pequeno ajuste no PPC. Diminuímos o total da carga horária do curso e do número de períodos (até então nosso discente se formava em quatro anos e meio e passou a se formar em quatro, principalmente com a alteração da ordem de oferta da disciplina Projetos Profissionais em Jornalismo, que do oitavo período passou para sétimo). A organização curricular ficou assim postulada como apresentado no Quadro 2:

Quadro 2 -Segundo Currículo (2013)

Carga horária total do curso: 2870 horas
Número de disciplinas obrigatórias: 2280 horas (37 disciplinas)
Número de disciplinas optativas: 180 horas (disciplinas de 2 ou 4 créditos)
Atividades Acadêmicas Laboratoriais (pesquisa ou prática): 90 horas
Atividade Acadêmica de Monografia: 120 horas recebidas (pós-defesa)
Atividades Complementares: 200 horas

Fonte: CURSO DE JORNALISMO DA UFRRJ (2014)

Na esteira da revisão apresentada, incluímos modificar o nome das disciplinas "Editoração Eletrônica" para "Comunicação Visual" e de "Comunicação Empresarial" para "Comunicação Organizacional", a pedido dos professores que já lecionavam ambas as disciplinas.

2.3. ALTERAÇÕES NO PPC E IMPLEMENTAÇÃO DAS DIRETRIZES

Durante todo o ano de 2014, nos preparamos para uma mudança mais efetiva do PPC. Nosso curso tinha 39 disciplinas obrigatórias e pouquíssimo espaço no fluxograma para optativas e projetos em Jornalismo, como práticas laboratoriais, por exemplo. O desafio era refazer essa grade e tornar o curso mais flexível. A nosso ver, o discente deveria cumprir sua carga horária voltada para projetos e desenvolver habilidades que pudessem convergir prática e teoria.

O curso já tinha quatro anos de vida. O momento era o mais oportuno para realizar modificações de ordem estrutural. Tínhamos acabado de receber cinco novos professores e estávamos com as primeiras defesas monográficas em curso. O antigo PPC já estava apresentando problemas em sua execução e a pequena mudança de 2013 apontava um bom caminho, mas precisávamos de mais. As diretrizes abriram espaço para repensar o projeto. O entendimento de que seria preciso haver complementaridade de áreas e campos (o que redundaria em propor menos obrigatórias e mais optativas), aliado à compreensão de que precisaríamos reforçar o

entendimento do Jornalismo perpassado pelas linguagens sonora, audiovisual, imagética e impressa, trouxe o tônus das alterações mais significativas.

Do ponto de vista da composição curricular, a nossa matriz foi assim estruturada, conforme aponta o Quadro 3:

Quadro 3 -Terceiro Currículo (2015)

Carga horária total do curso: 3000 horas
Número de disciplinas obrigatórias: 1740 horas (29 disciplinas)
Número de disciplinas optativas: 240 horas (disciplinas de 2 ou 4 créditos)
Atividades Acadêmicas Laboratoriais (pesquisa ou prática): 120 horas
Atividade Acadêmica de Monografia: 300 horas recebidas (pós-defesa)
Atividades Complementares: 300 horas

Fonte: CURSO DE JORNALISMO DA UFRRJ (2014)

Além disso, algumas proposições mais contundentes das diretrizes foram inseridas sem muito questionamento, apenas entendendo que seria necessário absorver novas demandas.

Então, ampliamos o número de horas para as atividades complementares (pela deliberação da UFRRJ seriam 200, mas as diretrizes apontavam 300 e nós acatamos). E, nesse processo, também houve a digitalização pela Universidade da contabilização dessas horas (desde 2019). A esse respeito, tivemos um entendimento de que seria importante criar um Regimento de Atividades Complementares e formular uma comissão específica formada por docentes, com mandato de dois anos, para deliberar sobre esse tópico na formação. Também tivemos uma sensação positiva quanto a esse aumento de horas: percebemos ter redundado num esforço maior de os estudantes buscarem formações extracurriculares para comporem sua formação.

Também adotamos o projeto prático como possibilidade de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), como opção à escrita monográfica. E talvez esse tenha sido um dos maiores ganhos da sugestão dada pelas Diretrizes. Foi criada, ainda em 2014, para organizar os processos de defesa e distribuição de orientadores, a comissão do NUGRAF (Núcleo de Monografia), além de um Regimento de TCC, para colaborar no fluxo das produções de TCC.

A obrigatoriedade do estágio, outra recomendação das Diretrizes, também foi implementada, como Atividade Acadêmica, no 5o período (meio do Curso). Acabamos entendendo que seria possível, em diálogo com o DEST (Setor de Estágios Acadêmicos da UFRRJ), compor e formalizar a oferta de estágios, entremeando a iniciativa individual do aluno (em escolher uma empresa com supervisão de um profissional de Jornalismo, proposição mais difícil), com a ampliação da oferta de estágios internos (em setores da universidade e projetos de extensão). Instaurou-se uma comissão específica com docentes do curso, para organizar esse processo. Também tratamos de criar um Regimento de Estágio⁶, para ordenar o fluxo dos estágios no período citado.

⁶ Tanto o Regimento de TCC, como o de Atividade Complementar, como o de Estágio, foram documentos criados pelo colegiado do curso de Jornalismo, aprovados em todas as instâncias internas administrativas da universidade e apensados ao novo PPC. Materiais encontrados na versão

2.4 REFLEXÕES SOBRE CAMINHOS PERCORRIDOS: 2015-2021

2.4.1. Uma pedagogia do coletivo

Como afirmamos anteriormente, o PPC de 2015 foi fruto direto das proposições e sugestões das DCNs, já homologadas e instituídas. Para subsidiar o trabalho do Núcleo Docente Estruturante (NDE), responsável pela elaboração do novo projeto pedagógico, foram realizados dois fóruns abertos com os professores e os estudantes de Jornalismo, nos dois semestres de 2014. A experiência se mostrou tão enriquecedora, pela possibilidade de um debate horizontal entre docentes e discentes, que a instância foi incluída como proposta regular no PPC.

Os fóruns seriam, assim, uma arena de discussão coletiva, composta por professores e alunos da graduação em Jornalismo, cujo propósito seria o de avaliar tópicos do projeto pedagógico, tais como: disciplinas, atividades acadêmicas optativas, estágio e atividades complementares. Também funcionariam para discutir questões relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem nas disciplinas, bem como sobre o funcionamento dos laboratórios, da organização administrativa e projetos de pesquisa e extensão.

Sem a pretensão de estabelecer relações claras de causa e consequência, muito difíceis de aferir, podemos destacar o Fórum Semestral como um aspecto significativo da dinâmica horizontalizada que o curso de Jornalismo da UFRRJ vem desenvolvendo ao longo desses anos. O fato é que o senso de responsabilidade e parceria entre docentes e discentes faz, muitas vezes, a diferença para que, apesar das condições materiais precárias, se consiga realizações importantes. Nossos alunos já receberam diversos prêmios com seus trabalhos, sem esquecer os vários projetos produzidos em conjunto.

Inclusive, nesse ano de 2021, o fórum ganhou uma versão on line. De modo organizado, a instância de discussão, experimentada em uma sala de videoconferência, consolidou-se também, em perspectiva dialógica, como algo frutífero.

Depois de 11 anos de estrada pedagógica, reconhecemos que o curso ainda é pequeno: permanecemos com os 13 docentes (com o fim do REUNI) e 45 vagas anuais de entrada. Mais restrita ainda é a estrutura física: falta de salas de professores que ofereçam condições de trabalho no campus, poucos equipamentos e nenhum laboratório pronto.

No entanto, há um diferencial que nos faz acreditar em boas novas, em apostas que mudem até certo ponto, é claro, a realidade que hoje vivemos. Falamos aqui da percepção de que a comunidade universitária da UFRRJ, pelo menos no campus Seropédica, desenvolve um sentido de pertencimento forte. Sentido evidenciado em uma expressão de uso corrente: "identidade ruralina". A análise de tal "identidade" demandaria outro texto. E, mais importante para esse relato, é observar que este sentido de pertencimento reforça comprometermos com a Universidade que parecem fortalecidos no curso de Jornalismo, que completou 10

anos em 2020. Um curso ainda pequeno, que enfrenta muitas deficiências estruturais, como mencionado, mas com uma dimensão clara de território e identidade.

“Sim, tem Jornalismo na Rural”: a expressão tornou-se palavra de ordem entre os estudantes, que intensificaram, ao longo dos anos, a participação do Curso na Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação (Expocom) da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). O tema mereceu uma reportagem especial em nossa revista de comemoração dos 10 anos de formação.⁷

Como um recurso para enfrentar as adversidades, foi construído um sentido de coletividade, reforçado pela permeabilidade da direção e pela permanente criação de fóruns de debate e decisão coletivos da comunidade de professores e alunos.

2.4.2 Ênfase no Jornalismo: potencialidades e limites dos projetos integrados e os TCCs híbridos

Como não poderia ser de outro modo, o sentido de coletividade exposto acima esteve presente no processo de construção do PPC do Curso de Jornalismo da UFRRJ. Nele, a dimensão da formação ampliada e integrada sempre foi norteadora. O desafio imposto por essa perspectiva nos indicou que as disciplinas deveriam dialogar de forma interdisciplinar e agregadora, potencializando suas especificidades, ao mesmo tempo que compunham uma organicidade. O primeiro movimento de adequação foi pensar para além das disciplinas engavetadas que apontavam para uma formação desencarnada e pouco criativa. A opção baseava-se na convicção de que esfumegar as fronteiras historicamente bem demarcadas entre mídia impressa, radiofônica e televisiva contribuiria para a formação multimidiática que, cada vez mais, se exige dos profissionais de Jornalismo. Neste sentido, sair da especificação dos veículos e apontar para as linguagens em convergências garantiu ao projeto produzir trabalhos integrados e conjuntos.

Podemos apontar a experiência exitosa com as disciplinas Teorias da Comunicação II, Fotojornalismo, Mídia Sonora I e Redação Jornalística, que compõem a grade do terceiro período. A partir de um diálogo profícuo entre os professores, foram realizados "produtos de mídias"⁸ que aliaram, como avaliação final conjunta, imagem, texto e áudio. A dinâmica foi impulsionada pela disciplina Teorias da Comunicação II, que, por meio dos Estudos Culturais, produziu uma série de reflexões sobre a relação mídia e cultura e a sedimentação do conceito de identidade cultural. Nesta esteira, os alunos foram estimulados a pensar pautas e produzir convergências com essas linguagens, sempre supervisionados por professores da área.

Ainda como parte da preocupação de dar ênfase à formação em Jornalismo, de forma interdisciplinar, foi incluída no currículo obrigatório a disciplina de Técnicas de Reportagem, no segundo período da formação. O objetivo seria colocar os estudantes em contato com os desafios da apuração jornalística antes mesmo de se

⁷ Para conferir matéria sobre esse tema, ver em (shorten url): <https://is.gd/uVol1k>. Para conferir a revista: <http://cursosursos.ufrj.br/grad/jornalismo/10-anos/>. Acesso em: 20 ago. 2021.

⁸ Para conferir trabalhos, consultar em: <https://laboratorios.ufrj.br/labcom/laboratorio/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

aprofundarem nas técnicas de produção midiática. Esta estratégia se fundamentava na convicção de que o processo de apuração jornalística deveria ser entendido, pelos alunos, como a base a partir da qual seria possível desenvolver as diversas linguagens midiáticas. Havia, além disso, entre os professores, uma percepção de que nossos estudantes estavam se formando com pouca desenvoltura no contato com as fontes.

Coerente com a perspectiva de uma formação jornalística mais apurada, criou-se o TCC prático, como citamos anteriormente, denominado Projetos em Jornalismo I e II, passível de ser realizado por até dois alunos e acompanhado de relatório individual, além da realização de um produto jornalístico.

Alguns ganhos nos parecem evidentes, como aventamos, após esses sete anos de implantação do Projeto. Os TCCs práticos apresentados, em sua maioria resultando em grandes reportagens, têm nos revelado trabalhos autorais de grande potência. Mostram um manejo e uma reflexão mais encarnada, uma expressão do olhar daquele formando.

Os projetos são idealizados por alunos e podem ser apresentados em diversas plataformas e formatos. A partir dessa experiência mais flexível de produção, percebemos que houve maior adesão dos estudantes à finalização do TCC, pois até então constantes paralisações nos processos monográficos eram relatados por professores. Os projetos em Jornalismo garantiram, neste sentido, implicação e compromisso discente.

Acreditamos, também, que esses TCCs, em formatos diversos, devem ser encarados como a resultante de um trabalho coordenado, desde o primeiro período, que pretende enfatizar a prática jornalística de maneira crítica, escapando da divisão estanque entre teoria e prática.

O investimento, desde 2017, na construção de projetos integrados por período pode ser considerado um dos caminhos significativos desse processo. O desafio é romper as barreiras rígidas da sala de aula, sem desrespeitar a autonomia didática de cada professor, conscientes de que a formação de nossos alunos é um trabalho necessariamente coletivo. Em linhas gerais, a proposta, ainda em estudo e experimentação, é que os professores de determinado período criem projetos integrados entre suas disciplinas.

Outra experiência que tem ganhado consistência com a integração das disciplinas é a revista *Maritaca*, uma publicação temática, de reportagens, produzida pelo segundo período do curso. Originalmente um veículo para publicização das matérias realizadas em Técnicas de Reportagem. Na 4ª edição, a revista se tornou interdisciplinar, incluindo as disciplinas de Mídia Impressa e Introdução à Fotografia. Este ano, conseguimos sincronizar os planos de aula de Mídia Impressa, Técnicas de Reportagem e Introdução à Fotografia, de modo semelhante às divisões de responsabilidade de uma redação. Assim, em Mídia Impressa os alunos pensaram a edição com as fotos e textos produzidos nas outras duas disciplinas. Este amadurecimento trouxe para a troca interdisciplinar também a disciplina de Teorias da Comunicação, de modo que o conteúdo das demais disciplinas ganhou um contexto mais amplo e uma reflexão mais profunda.

Se, por um lado, é evidente o aprimoramento do perfil jornalístico de nossos alunos, em especial com a capacitação para a compreensão do processo de pesquisa e apuração, por outro, ainda nos perguntamos sobre os limites que a formação

estritamente jornalística pode trazer às condições de empregabilidade de nossos egressos. O campo do Jornalismo *strictu sensu* tem minguado, num mundo onde a comunicação midiática tem se tornado um dos campos mais fundamentais de atuação de todos os sujeitos sociais.

2.4.3 Laboratórios, optativas e estágio supervisionado: desafios

O Jornalismo entrou no século XXI com mudanças fundamentais no seu funcionamento e função. Com as possibilidades de aberturas das conexões e o acelerado fluxo de informações, ele passa a disputar narrativas e a se posicionar de forma contundente na produção dos conteúdos informativos. O novo currículo implantado estava atento a essas mudanças e buscou sedimentar o Jornalismo na Rural a partir de leituras críticas da realidade, tanto em perspectiva técnica quanto em sua função de narrar o campo social (aquilo que seria deontologicamente de interesse público). Neste sentido, idealizamos as práticas laboratoriais em Jornalismo e os laboratórios de pesquisa em comunicação, que passaram a funcionar na modalidade Atividades Autônomas. Essa modalidade de atividade é instituída pela Universidade e o aluno, em nosso curso, deve cumprir três laboratórios à sua escolha. As experiências com essas atividades têm nos mostrado como estar implicado prescinde de notas, pois todos os laboratórios funcionam com status avaliativo, tendo como critério de avaliação "cumpriu ou não cumpriu". O discente participa de projetos de pesquisa e extensão e pode desenvolver habilidades técnicas nos laboratórios de Jornalismo. Todo o processo é dialogado com os participantes e as ementas são flexíveis.

O PPC também buscou, além de formalizar os laboratórios, construir um rol de optativas que pudesse abarcar a linguagem jornalística e seus veículos, bem como estudos em comunicação. São mais de 100 optativas específicas (Jornalismo e comunicação), distribuídas pelos semestres com oportunidade de o discente desenvolver mais profundamente habilidades e competências no campo comunicacional.

São muitos os desafios que enfrentamos nesse processo, principalmente pela identidade centenária da UFRRJ, que se consolidou a partir das áreas de ciências agrárias ou biológicas e não estava devidamente preparada para receber um Curso de grande porte como é o de Jornalismo. Nossos laboratórios, imprescindíveis para a realização de projetos robustos, ainda não estão devidamente equipados, apesar de termos espaço para tal. Outro fator desafiador foi instaurar um Curso de Jornalismo na Baixada Fluminense, em uma universidade distante dos grandes centros, como já explicado anteriormente.

Seropédica, como já citado, é um município distante do centro do Rio de Janeiro, aproximadamente 70 km. No seu entorno, encontramos algumas empresas de gás, nas imediações de Itaguaí, sem esquecer do fato que poucos jornais locais circulam com potencial empregador. Vimo-nos estimulados a fornecer, além de uma formação mais ampla possível, a adequação do estágio obrigatório. Em nossa grade, o estágio corresponde a 300 horas e é efetuado seguindo todos os parâmetros das Diretrizes, bem como organizado por uma comissão de professores, eleita a cada dois anos, que organiza e supervisiona as atividades dos discentes.

A experiência com a obrigatoriedade do estágio nos faz refletir sobre alguns aspectos. Em primeiro lugar, percebemos que mesmo sem a obrigatoriedade nosso aluno já realizava incursões profissionais. Assim, ela coroou uma atividade estimulada pelo Curso. A supervisão e realização de avaliação constantes do estágio também foram institucionalizadas, o que facilitou a procura por espaços de trabalhos mais profissionais. No entanto, nosso discente tem um real problema, o deslocamento da Universidade. Muitos estágios ficam no centro do Rio ou em outros municípios da Baixada, o que obriga o aluno a percorrer horas para chegar ao trabalho.

Para abrandar esse problema, abrimos vagas de estágio nos setores da Universidade. Os estudantes que, embora matriculados no estágio curricular, não conseguem vagas no mercado e precisam cumprir a atividade, podem se candidatar a uma das vagas organizadas pela Comissão de Estágio do Curso. Alguns vão para a Assessoria de Comunicação da Universidade, para projetos de extensão que contam com professores jornalistas na equipe e para a assessoria da Embrapa Agrobiologia, que tem unidade vizinha ao campus.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação universitária é comumente referenciada por um campo profissional a se delinear, mas atravessada, na mesma medida, pela modernização de práticas, processos e estruturas de pensamento.

O ofício do Jornalismo é uma incógnita para todos nós. Redimensionado na pós-modernidade por outras competências, expertises e habilidades, criadas pelo e para um novo tempo mais dinâmico, tecnológico, fluido e maleável, o “saber-fazer” da profissão se estabelece em novas bases.

Um caminho de entendimento desse processo temos consolidado nesses 11 anos: um currículo baseado em fundamentos e pilares do campo da comunicação, coadunado com os princípios teóricos do Jornalismo e desafiado a pensar as linguagens (tão canônicas e inovadoras ao mesmo tempo). Propusemos o olhar do “aprender”, do “formar” também na dimensão ética e cidadã, preocupando-nos sobretudo com o desenvolvimento do pensamento crítico do nosso alunado.

Entendemos também que na relação professor-aluno e nos trabalhos integrados e coletivos florescem novos modos de aprender. Além disso, torna-se vital ouvir e trocar com o nosso discente (daí a força dos Fóruns citados) para construir junto.

A implementação das Diretrizes em nosso curso não foi de todo fácil e pacífica. Para algumas proposições, com ênfase para a criação do TCC prático, da efetivação do estágio obrigatório e da ampliação das horas complementares, tivemos que demandar um trabalho de divisão de equipes e novos documentos institucionais. O saldo, por fim, foi positivo e aponta para novas viabilidades.

O que está por vir sempre nos interessa quando o assunto é educação. E, nesse sentido, se não tivéssemos tido o impeditivo da pandemia (estamos há quase dois anos vivendo a “universidade remota”) talvez já tivéssemos com um currículo novo na “praça”. A inquietação é grande, dada a imprevisibilidade da profissão, os novos desafios a ela impostos e a necessidade de agregar outros saberes na

estrutura curricular, advindos do exercício da inter, multi e transdisciplinariedade, típicos da construção do conhecimento nos tempos atuais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo. Brasília, DF: Secretaria de Educação Superior /Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Superior, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf. Acesso em: 20 dez. 2021.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

CURSO DE JORNALISMO DA UFRRJ. Programa Pedagógico Curricular do Curso de Jornalismo da UFRRJ. 2014. Disponível em: <http://Cursos.ufrj.br/grad/jornalismo/apresentacao/6562/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

DALTRO M. R.; FARIA, A. A. de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n.1, 2019, p. 223-237.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SINGER, A. **Os sentidos do Lululismo**. Cia das Letras: São Paulo, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996